



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

RENATA MARIA FRANCO RIBEIRO

**ESTÉTICA, CORPO/CABELO E IDENTIDADE: NO CASO DAS
ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES NO CONTEXTO DA
UNILAB-CE.**

REDENÇÃO

2019

RENATA MARIA FRANCO RIBEIRO

ESTÉTICA, CORPO/CABELO E IDENTIDADE: NO CASO DAS
ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES NO CONTEXTO DA UNILAB-
CE.

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. SEGONE NDANGALILA COSSA.

REDENÇÃO-CE

2019

RENATA MARIA FRANCO RIBEIRO

**ESTÉTICA, CORPO/CABELO E IDENTIDADE: NO CASO DAS
ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES NO CONTEXTO DA
UNILAB-CE.**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Segone Ndangalila Cossa (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Artemisa Odila Candé Monteiro (Examinador (a) interno (a))
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Joanice Santos Conceição (Examinador (a) interno (a))
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Estética Corpo/Cabelo e Identidade: No caso das estudantes Bissau-guineenses no contexto da UNILAB-CE”, tem como principal objetivo analisar como as linguagens da estética corpo/cabelo e identidade estão entrelaçadas como ferramenta de empoderamento feminino, isto é auto conhecimento, auto representação e valorização no contexto sociocultural guineense e suas expressividades no contexto da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira no Ceará). Desse modo, trata-se de uma pesquisa qualitativa que fará uso da técnica de entrevistas semiestruturadas, observação participante e as descrições etnográficas, priorizando a história de vida das nossas interlocutoras. Argumento que as representações positivas construídas no lugar próprio de fala, das acadêmicas guineenses, são estratégias coletivas de ativismo político e, sobretudo na superação das opressões racistas, sexistas numa sociedade que insiste em invisibilizar a diversidade étnica e os diferentes saberes.

Palavras-Chave: Estética. Corpo. Cabelo. Identidade. Estudantes Bissau-guineenses.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A minha Família.

Aos amigos, em especial Ianes Augusto Cá (guineense)

Ao meu companheiro Antônio Correia(guineense)

Ao meu filho Antônio Esaú(*Manjaco*)

Ao meu Orientador Prof. Segone Ndangalila Cossa.

As mulheres guineenses e mulheres brasileiras que me incentivaram para realizar esse trabalho de pesquisa.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AEAC- Associação de Estudantes Africanos no Ceará.

AEGBCE - Associação de Estudantes de Guiné-Bissau no Estado do Ceará.

BHU-Bacharelado em Humanidades.

CE- Ceará.

CPLP-Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

INEC- Instituto Nacional de Estatística e Censos da Guiné-Bissau.

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné-Bissau.

LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e transexuais.

MPA-Movimento Pastoral Africana.

PALOP-Países de Língua Oficial Portuguesa.

PI- Piauí, estado da Região do Nordeste.

PPC- Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Graduação em Ciências Sociais.

PT- Partido dos trabalhadores.

RIMA- Rede Internacional de Mulheres Africanas.

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso.

UFC-Universidade Federal do Ceará.

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	08
2.PROBLEMATIZAÇÃO.....	10
3. OBJETIVOS.....	11
3.1.GERAL.....	11
3.2.ESPECIFICOS.....	11
4.HIPOTESIS.....	11
5.JUSTIFICATIVA.....	12
6.REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
7. A ESTÉTICA DA MULHER NEGRA COMO PROCESSO IDENTITÁRIO NO CONTEXTO BRASILEIRO.....	17
8. PROCESSOS SOCIAIS E CULTURAIS NA CONSTRUÇÃO DO EMPODERAMENTO DAS ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES.....	19
9.A ESTÉTICA CORPO/CABELO E IDENTIDADE COMO EMPODERAMENTO DAS ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES.....	22
10. ESTÉTICA CORPO/CABELO DAS ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES, AS METALINGUAGENS DAS EXPRESSIVIDADES DE UMA IDENTIDADE E CULTURA AFRICANA.....	24
11. MÉTODOLOGIA.....	27
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
13. ANEXO.....	32

1 INTRODUÇÃO

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros.

As participantes desta pesquisa provem todas elas da Guiné-Bissau, em especial da Capital Bissau, país situado na costa ocidental do continente africano, constituído por uma parte continental e outra insular, faz fronteiras com a República do Senegal, ao norte, e República da Guiné-Conacri, nas fronteiras leste e sul. Além do território continental, acrescenta-se o arquipélago dos Bijagós, com mais 80 ilhas, cuja separação do continente feita pelo Rio Geba. (AUGEL, 2017).

A Guiné-Bissau possui rica diversidade cultural e étnica, o país conta com mais de 20 grupos étnicos, sendo que cada grupo possui suas próprias regras ou normas sociais e linguísticas, por isso a diversidade cultural é muito grande no país. Dentre os quais seis são mais numerosos, os Balantas (30% da população), os Fulas (20%), os Mandingas (13%), os Manjacos (14%), Papel (9,0%) e Mancanha (3,5%), restando 15,3% para as minorias culturais como Beafadas, Bijagós, Felupes, Baiotes, Cassangas, Djacancas, Nalús, Sossos, Tandas, Saracolé, entre outros. (INEC, 2009).

Segundo Ribeiro (2016, p.15 apud Augel, 2007, p.02), geopoliticamente a história da região que hoje corresponde a atual Guiné-Bissau quase se confunde com a dos reinos mandingas, anterior chegada dos europeus, com a presença de diversos povos, culturas, tradições, línguas e costumes próprios.

O português é a língua oficial, a língua nacional falada por mais de 80% da população, no entanto o crioulo é considerado na Guiné-Bissau, (uma língua Inter étnica) falado por mais de 20 etnias, além das línguas étnicas maternas.

Levando em consideração as diversidades étnicas e culturais que constituem a identidade guineense, destacando a identidade feminina, acreditamos que a questão Estética Corpo/Cabelo é um dos elementos fundamentais na expressividade dessa identidade. Assim compreendemos que são muitas e distintas as percepções e formas que representam essas questões como corpo/cabelo e identidade, como ferramenta de visibilizar positivamente a diversidade negra/africana e suas metalinguagens na academia no caso a UNILAB/CE.

Assim, é nesse contexto multiétnico e diverso que migram as estudantes Bissau-guineenses para estudar no Brasil, aonde se deparam com diferentes grupos étnicos, seja dos

demais países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), ou da Região do Maciço de Baturité, região onde está inserida a UNILAB.

Neste contexto, Gomes (2003), um olhar para a estética corpo/cabelo e identidade, entrelaçados com a diversidade étnica/cultural é construído por diversos elementos como representatividade, marcada pela diferença, pela negatividade e estereótipos construídos socialmente em detrimento da valorização dos padrões eurocêntricos.

Assim, priorizamos a necessidade de criar um local de fala próprio para as mulheres estudantes guineenses, desde o qual possam ser enunciadas as suas demandas, formas de fazer política, estética, enxergar e afrontar o mundo. Esse lugar é construído a partir das suas experiências individuais e coletivas e representado pelas memórias ancestrais.

Partindo da intersecção, identidade, estética, raça, optamos pela contribuição das pesquisadoras mulheres afro-brasileiras brasileiras como Berth (2018), Cruz (2017), Santos (2017), Clemente (2014), Gomes (2002,2003), e pesquisadoras africanas guineenses Dias (2016), Candé (2008), e africana/nigeriana Adiche (2013). A partir das suas teorias bases sobre identidade, pertencimento, estética corpo/cabelo, empoderamento, para nossa análise, levando em consideração as suas trajetórias acadêmicas.

Com a perspectiva de estabelecer um alicerce para a construção da pesquisa, serão utilizadas fontes bibliográficas de intelectuais mulheres africanas e mulheres negras brasileiras, privilegiando o olhar das mulheres negras ativistas, que constrói conhecimento na academia como pensadoras negras, e que pesquisam mulheres negras e suas relações na produção do conhecimento em diferentes campos do saber.

Esses caminhos serão relevantes para fundamentar o projeto de pesquisa com o tema Estética Corpo/Cabelo e Identidade: No caso das estudantes Bissau-guineenses no contexto da UNILAB/CE, assim proporcionando abordar diferentes enfoques para melhor compreender questões de cá no Brasil, sobre o uso e sentidos quanto o uso dos cabelos, bem como ressignificando a identidade da mulher negra no Brasil, onde esses espaços serão compartilhados pelas estudantes Bissau-guineenses.

Desse modo, optamos pela pesquisa qualitativa, como entrevistas semiestruturadas, observações do cotidiano onde estaremos face a face privilegiando o lugar próprio de fala das interlocutoras com o método de história oral.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Nesta perspectiva surgem alguns questionamentos como: Quais as referências e motivações influenciam na identidade das estudantes Bissau-guineenses no contexto das políticas de integração na UNILAB? Como se articulam as relações estéticas corpo e cabelo no processo formativo das identidades das estudantes Bissau/guineenses no contexto da UNILAB? Como a estética através das metalinguagens traduz uma postura política das estudantes Bissau-guineenses na UNILAB? Como a estética pode ser uma ferramenta no combate aos estereótipos das várias formas que o racismo opera nas relações de gênero, classe, violência de direitos humanos das mulheres negras? Quais mensagens transmitem com suas tranças, turbantes e suas vestimentas?

Diante de tais questionamentos, buscaremos analisar as simbologias da estética corpo/cabelo e identidade, como são construídas e positivadas como ferramenta de empoderamento. Portanto, consideramos que essa simbologia não se resume na autoestima, ela se caracteriza pela política de enfrentamento ao preconceito sem detrimento ao padrão de beleza estabelecido pela visão eurocêntrica, desse modo, empoderamento não é simplesmente dá poder, ou tomar poder como uma dualidade, no trânsito de padrões das belezas hegemônicas ocidentais, no intuito de disciplinar as estéticas negras. (BERTH, 2017).

Neste caso, temos como inquietação compreender como o processo individual e coletivo da auto representação e, sobretudo no auto reconhecimento de si, na diversidade social e étnica é um processo de construção da emancipação política no contexto da Unilab/CE?

3 OBJETIVOS:

3.1 Objetivo geral: Compreender como as questões da estética corpo/cabelo e identidade das estudantes Bissau-guineenses são articuladas no contexto da UNILAB/CE.

3.2 Objetivos específicos:

- Descrever os processos sociais e culturais envolvidos na construção do empoderamento das estudantes Bissau-guineenses.
- Analisar processos da construção de identidade e manifestação cultural dos estudantes Bissau-guineenses como ferramenta do empoderamento feminino.
- Destacar a estética corpo/cabelo das estudantes Bissau-guineenses como as metalinguagens das expressividades de uma identidade e cultura africana.

4 HIPOTHESES

O contexto da UNILAB é construído na diversidade étnica, cultural e identitária, neste sentido, as particularidades estéticas como corpo/ cabelo e construção da identidade das estudantes Bissau-guineenses, são ferramentas que positivam a estética negra africana. Partindo dessa perspectiva, destacamos autoafirmação como mecanismo de reconhecimento individual e coletivo que opera como política no combate as estéticas de belezas eurocêntricas.

Desse modo, quais as possíveis estratégias necessárias para a emancipação social e política através da estética positivas de mulheres negras brasileiras e africanas no contexto acadêmico?

5 JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa foi motivada pela minha aproximação com a comunidade guineense desde 2010/2011 com a Associação dos Estudantes Africanos no Ceará (AEAC), a Associação de Estudantes da Guiné-Bissau no Estado do Ceará (AEGBCE) e o Movimento Pastoral Africana (MPA) em Fortaleza no Ceará, estes/estas moradores temporários para fins estudantis. Na ocasião fazia parte da 2ª turma do Curso de extensão em História da África, ofertado pelo Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Dando sequência aos meus estudos, no ano de 2014, iniciei um curso de especialização na UNILAB, onde percorri mais uma vez caminhos na Comunidade guineense inserida na Capital Fortaleza, para a pesquisa no Curso de Pós -Graduação para as Relações Étnicas- Raciais no Ambiente Escolar na UNILAB. No final da especialização, fiz uma pesquisa do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) que culminou no trabalho “Trajetórias e Permanências do Africano/estudantes na “Terra da Luz”, Fortaleza/ Ceará, apresentada em junho de 2016.

A pesquisa analisou a trajetória e a permanência de estudantes guineenses na “Terra da Luz”, Fortaleza, Ceará. Teve como interesse investigar as vivências, e as relações étnico-raciais dos migrantes estudantes que saíram da Guiné-Bissau para Fortaleza com o objetivo de estudar.

Geralmente, esses estudantes são motivados por suas famílias africanas na Guiné-Bissau e desencadeada pela propaganda das Faculdades privadas FATENE e EVOLUÇÃO, a partir de 2008 e 2009.

Agora, como estudante do Curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) na UNILAB, cenário partilhado presente e no futuro com nossas interlocutoras, o nosso interesse é compreender como: Estética Corpo/Cabelo e Identidade, das estudantes Bissau-guineenses no contexto da UNILAB/CE, constituem formas políticas de enfrentamento as normatividades hegemônicas quanto às formas de auto representação numa sociedade ocidental.

Eu, como milhares de brasileiras, faço parte de uma família de origem Inter étnica, pais pardos, irmãs brancas com cabelos lisos, irmãos negros e pardos, avó materna negra, avó paterna branca, tios negros e tias negras, por fazer parte de uma família inter-racial, ora sou sinalizada por ser mulher branca ‘no “olhar do outro”, ou não sou totalmente branca,

no entanto a minha formação identitária se dá por influências e pertenças afetivas e culturais que faço parte.

Eu mulher parda, passei minha infância e adolescência no contexto familiar e escolar, sendo chamada de “cabelo de bucha”, e “negra cabra”, uma expressão pejorativa usada no Ceará com pessoas de pele clara, com cabelos crespos, ou fenotípicos negros, essa expressão reflete bem as formas que o preconceito racial está estruturado, numa sociedade que insiste em invisibilizar a heterogeneidade étnica como a brasileira/Ceará.

Hoje, como professora da rede pública, com um público a partir de oito anos de idade a dezesseis anos, percebo que essa expressão ainda se repete no ambiente escolar com crianças com fenotípicos negros, mas racialmente apresentadas como brancas, por ter uma pele clara.

No presente, sou mãe do Antônio Esaú, tenho como companheiro Antônio Correia, africano/guineense, domiciliado no Brasil/Ce, há 9 anos, com pertença ao grupo étnico manjaco linhagem do pai. Esaú, criança negra, filho de pai africano/guineense e mãe brasileira/parda, com avós paternos pertencentes a grupos étnicos distintos da Guiné-Bissau e no Brasil com núcleo familiar Inter étnico.

É nesse contexto multiétnico que emerge algumas reflexões, como pensar as influências na identidade, construindo discursos que contestam as normas ocidentais.

O interesse pela presente pesquisa surgiu a partir da convivência com as estudantes Bissau-guineenses no curso de Bacharelado em Humanidades na UNILAB/CE, bem como compreender as questões do universo da estética/ copo/cabelo e identidade está entrelaçada entre cultura, mensagens estéticas no novo lugar de moradia e cenário acadêmico.

A relevância da pesquisa se dá pelo desafio diário de desconstruir pensamentos hegemônicos, que por muito tempo foram inabaláveis. Argumentamos que a luta por uma universidade mais justa, igualitária e pensar enquanto unidade, respeitando as particularidades, pertenças das mulheres negras, indígenas, africanas, LGBT é um ato político e coletivo.

Nesse sentido podemos pensar a universidade como espaço construir novas epistemologias, reconstruindo caminhos que mobilizem discussões pautando a valorização da produção do conhecimento das acadêmicas Bissau-guineenses?

6. REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento do projeto de pesquisa abordaremos questões que articulam estética corpo/cabelo e identidade no caso das estudantes Bissau-guineenses no contexto da UNILAB/CE, tendo como principais autoras Joice Berth (2018), Ana Paula Santos (2017), Denise Costa (2017), Chimamanda Adiche (2015), Honorata Dias (2016), Artemisa Candé (2008), Nilma Gomes (2002,2003), para formularmos um *corpus* teórico que nos possibilite problematizar os processos de positivar a estética negra, ferramenta ao empoderamento como auto representação, valoração como perspectiva de enfrentamento ao que é cristalizado como padrão de beleza e corporeidades.

Desta forma, analisar as metalinguagens como estas estabelecem vínculos interativos, com as estudantes Bissau-guineenses, passado, presente e futuro, que subscrevem as questões estéticas, identitárias e epistemológicas, que se vão formando no lugar origem Guiné-Bissau, nas suas famílias, comunidades e no dinamismo cultural e acadêmico agora protagonizado por essas estudantes.

Com efeito, compreendemos que a estética não é apenas a beleza, o visível, a aparência, ela traz sentidos e envolve múltiplas dimensões, acompanhando toda a trajetória de vida desde a infância a fase adulta, seja nas relações da afetividade, das emoções e sentimentos, assim como a corporalidade. (COSTA, 2017).

As pesquisas da autora Nilma Gomes (2002; 2003), “Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”, traz a discussão entre identidade e estética negra. Entre outros artigos, discute o trato com os cabelos, é na infância que esse processo da construção da identidade e representatividade se dá, sinalizando as diferentes linguagens corpóreas, bem como na valorização dos fenotípicos negros, ou a negação.

Como tal, a estética negra, precisa ser positivada nas relações familiares e no ambiente escolar das crianças, assim como nas relações de jovens e mulheres brasileiras, como símbolo cultural e, sobretudo identidade racial que por sua vez é marcada pela diferença.

A autora Artemisa Candé (2008), com sua pesquisa “*O processo de construção da identidade negra em Teresina: o caso do grupo afro-cultural Coisas de Negro*”, “discute questões sobre o processo de construção da identidade negra em Teresina (PI)”, na região Nordeste, a partir da estética africana, ressignificada no grupo Afro-Cultural Coisa de Negro,

bem como a militância do Movimento Negro, no governo do Partido dos trabalhadores (PT), traz reflexões sobre o lugar reservado a população negra do Brasil.(CANDÉ, 2008, p.9).

A contribuição dos blocos afros traz perspectivas de festejar a vida, sobretudo de criar espaços formativos e de ativismo político, discutindo sobre o combate a intolerância religiosa, as estruturas do racismo, combate ao genocídio da juventude negra, representatividade em espaços que insistem em negligenciar a presença e participação das mulheres negras, bem como dá visibilidade positiva as populações negras periféricas.

O ativismo cultural político contribuiu, sobretudo, na manutenção da vida, na ressignificação das identidades, que por sua vez são negociadas e acionam uma origem no passado, que continua no presente, como ferramenta de construir sua auto representatividade e valoração.

Por isso, ressaltamos a relevância da intelectual guineense Candé (2008), para nossa discussão sendo a primeira mulher docente guineense na Unilab/CE, construindo uma militância política no combate as formas violentas das desigualdades, discriminações seja racial ou de gênero.

“A pesquisa da autora guineense Honorata Dias (2016), acadêmica do mestrado em antropologia da Unilab/CE, com o tema “Da raiz até a ponta”: enegrecendo a identidade através do uso do cabelo crespo”, dialoga com questões pertinentes para a nossa pesquisa, sobre a construção da identidade, como está entrelaçada a relação com as práticas racistas, que cristaliza a estética negra como inferior, ou sinônimo de exótico, bem, como o uso do cabelo crespo e como o contexto político e de ativismo na Unilab/CE, com estudantes brasileiras negras domiciliadas na região do Maciço de Baturité, influenciou na formação identitária de se assumirem enquanto mulheres negras no presente.

A relevância da pesquisa de Dias (2016), para nossa discussão, traz reflexões quanto a importância política e com o ativismo que a Unilab influencia na identidade das estudantes Bissau-guineenses, construindo um lugar próprio a partir do protagonismo político, científico, cultural que implicam no lugar de fala construído pelas estudantes nesse cenário de intercâmbio educacional e cultural.

Abordaremos o pensamento da escritora nigeriana/africana Chimamanda Ngozi Adichie, O livro “Sejamos todos feministas” (2015), discute a questão de gênero, política e identidade, para além dessas categorias, aborda a emancipação da mulher africana. Neste sentido abordaremos o pensamento da escritora Adiche, como ferramenta de empoderamento

na construção de outras epistemologias entendendo que o feminismo é a busca por equidade, direitos sociais e justiça.

Logo, a relevância do pensamento da escritora nigeriana Adiche, referência na literatura contemporânea se dá, sobretudo pelas discussões nas relações étnicas raciais, as reflexões quanto às sequelas das estruturas do racismo, e a desconstrução da verdade única contada pelo discurso hegemônico ocidental sobre as sociedades africanas, em destaque para Nigéria, país de origem da escritora.

Em autoras afro-brasileiras, a pergunta sobre a estética e sua dimensão afirmativa é também levada para o campo de pesquisa, assim traremos a autora Denise Cruz (2017), com sua pesquisa *Que leveza busca Vanda? Ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique é* “uma investigação sobre as emoções e sentimentos relacionados à lida com os cabelos crespos vivenciados por mulheres moçambicanas e brasileiras”. (Cruz, 2017, p.84).

O presente trabalho supracitado aborda questões em relação aos sentimentos despertados quanto a manipulação com os fios capilares, a estética e as diferentes linguagens experienciadas por mulheres negras brasileiras e moçambicanas africanas.

Abordaremos o conceito de empoderamento com a autora Joice Berth (2018), na pesquisa “O que é empoderamento?”, onde traz importantes reflexões a partir da militância de intelectuais negras entre a Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, aborda questões feministas raciais, bem como se dá a construção do empoderamento como ferramenta coletiva na construção de conhecimento e no enfrentamento aos discursos hegemônicos ocidentais, que insistem em silenciar a produção e conhecimento da população negra, em especial em invisibilizar as mulheres negras.

Traremos Ana Paula Medeiros Teixeira Santos (2017), “discute as articulações entre gênero, raça e cultura material na construção dos corpos de mulheres negras que passam pelo processo de transição capilar”, bem como as ferramentas individuais e coletivas alicerçadas como processo político e empoderamento no combate aos padrões postos, negativizando a estética negra e suas mensagens. (SANTOS, 2017, p.8).

As intelectuais Santos (2017) e Berth (2018) dialogam com nossa pesquisa nas questões dos processos formativos como ferramenta que empoderam as mulheres negras sejam na academia ou nos diferentes espaços. Logo, o pensamento das intelectuais negras empoderar é construir conhecimento, acionando dispositivos para auto representação e

valoração, que não se dá de forma isolada e individual, mas coletiva, como um ato político de contestação aos padrões e toda a negação do existir e ser mulher negra.

Desta forma, no primeiro tópico traremos um breve contexto sobre o ativismo das mulheres negras no Brasil no contexto identitário, em seguida um breve histórico da cooperação estudantil dos/as estudantes africanos/o para o Ceará/Brasil entrelaçando processos sociais e culturais na construção do empoderamento das estudantes Bissau-guineense, logo abordaremos a relação estética corpo/cabelo e identidade das estudantes Bissau-guineenses, em seguida traremos a discussão sobre a estética corpo/cabelo e identidade como empoderamento das estudantes Bissau-guineenses, e por fim abordaremos a estética corpo/cabelo das estudantes Bissau-guineenses, as metalinguagens das expressividades de uma identidade e cultura africana.

7. A ESTÉTICA DA MULHER NEGRA COMO PROCESSO IDENTITÁRIO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Embora não iremos nos debruçar com profundidade sobre a trajetória da militância das ativistas negras brasileiras, cabe mencionar o protagonismo das militantes e intelectuais negras/brasileiras, ativistas no movimento do feminismo negro¹ Lélia Gonzalez, Maria Beatriz Nascimento, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, Ângela Figueiredo, participaram ativamente do processo de redemocratização social e política pautando discussões fervorosos sobre o combate às desigualdades e opressão quanto as mulheres negras numa sociedade estruturada numa lógica racista, sexista e patriarcal como o Brasil, no entanto não traremos debates aprofundados sobre o ativismo do feminismo negro no Brasil.

Conforme Sueli Carneiro (2003), “*Enegrecendo o feminismo é a expressão que utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro*”.

Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídas em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta anti-racista no Brasil. (CARNEIRO. 2003, p.18)

Desta forma, é preciso compreender a luta das mulheres negras no Brasil é uma luta cotidiana, que se expressa nas diferentes formas e organizações, assim como estratégias de enfrentamento ao sistema posto e suas estruturas de opressão.

As mulheres negras cada vez, se articulam numa dimensão coletiva, seja na busca pela criação e implementação de ações efetivas ao combate as estruturas que balizam a sociedade patriarcal, sexista e racista, ou pela afirmação da sua existência e seus direitos silenciados ao longo da história.

Segundo Silva (2014), “o estereótipo estrutura a imagem do sujeito”, dessa forma logo:

Transforma a sua autoimagem e o seu corpo, tornando este em um ser desajustado na sociedade. As populações atingidas por estereótipos têm na constituição de sua identidade o peso dessas visões. São instituídos rótulos, padrões de comportamentos e ações que acabam por marcar a corporeidade do indivíduo na sociedade (SILVA, 2014, p.269).

Dialogando com o pensamento das autoras acima, a lógica como a sociedade brasileira opera tendo como referência única o espelho hegemônico, quanto às representações estéticas nas mais diversas categorias, ainda é assustadora, assim as mulheres negras foram condicionadas a se negar, depreciar seus movimentos, corporalidades, fenotípicos, isto faz sentir na pele a violência racial, quanto a invisibilidade dos negros e negras nos mais variados espaços, com falta de uma representatividade positiva na mídia brasileira.

Conforme Candé (2008, p.85), a estética negra e identidade são referenciais que trazem mensagens diversas sobre tudo nas recriações culturais:

as representações criadas pela produção cultural negra e desenvolvidas pelos movimentos negros a partir do elo imaginário com a África criam significados que servem como elementos e/ou símbolos fundamentais para a (re)construção das identidades negras afro-referenciadas, ao mesmo tempo em que interferem na dinâmica da cultura política. (CANDÉ, 2008, p.85)

Nesse sentido, uma das ferramentas e estratégias pensadas em rede, na individualidade construindo uma coletividade sólida de luta, para divulgar os espaços de representatividade, de discussões conquistadas é o uso das redes sociais, fazendo uso dos mecanismos da tecnologia da informação, como fator importante para ampliar os recursos e condições para a construção da estética afirmativa, empoderamento e identidade das mulheres negras brasileiras, como movimento estético e político e de contestação ao que é posto como padrão de beleza única.

A estética afro-brasileira e pertença busca criar laços sobre a autoestima fortalecendo suas trajetórias, bem como a memória e a autoestima de mulheres negras,

acionando questões raciais e estéticas que valorizem a estética negra, bem como os cabelos afros, e seus fenótipos, assim “o tempo dedicado à arte de pentear está muito atrelada a trocas de afetos e sentimentos de compartilhamento”. (CRUZ, 2017, p.75).

Para tanto, nossa pesquisa trará discussões como as práticas de manipulação com os cabelos, quais seus sentidos e valorações numa academia com múltiplas etnias e estéticas, na perspectiva de compreender a construção identitária, e como se dá a partir do olhar do “outro” ou de como as mulheres estudantes são lidas, logo, é na subjetividade e no dinamismo de ideias que se constrói essa representação.

8. PROCESSOS SOCIAIS E CULTURAIS NA CONSTRUÇÃO DO EMPODERAMENTO DAS ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES

Conforme Ribeiro (2016, p.21) “os/as africanos/as presentes no Ceará, hoje, vieram ao Brasil por diversos motivos: a procura da proteção do Estado brasileiro, trabalho, refúgio, estudo nas universidades brasileiras públicas federais e privadas”, no caso da nossa pesquisa atual com as estudantes Bissau-guineenses vieram no quadro de Cooperação Sul/Sul Brasil/África.

Nesse contexto, a trajetória dos/as estudantes Bissau-guineenses em Fortaleza, reforçada pelo aumento da relação entre o Brasil e os países africanos que tem o português como a língua oficial de comunicação, estes/estas estudantes migram para estudar nas universidades públicas e federais, e mais recentemente para as universidades privadas.

Para tanto, o contexto da Cooperação Sul-Sul na UNILAB desde sua criação, com a lei nº 12.289/2010, a UNILAB trouxe consigo um ideal que pode ser sintetizado em uma fase: integrar para desenvolver. É proposta desta instituição integrar culturas diferentes, povos e histórias, visando crescimento e prosperidade conjunta a partir de características que o Brasil compartilha com os países parceiros deste empreendimento, uma delas nossa língua, a fala, expressão mais significativa da comunicação humana.

Desta maneira, buscaremos entender como se dá a participação e o protagonismo das estudantes Bissau-guineenses nas atividades acadêmicas, como os grupos de extensão e eventos culturais como: VOZES DA ÁFRICA², AS RIMAS³, entre outros grupos de estudos observados por nós pesquisadores do presente trabalho, possibilita fortalecer laços entre as mulheres africanas para uma emancipação política e social, balizada por discussões no campo

social, educacional e cultural, bem como o aumento significativo de grupos de pesquisa que abordam temática racial, feminismo negro e a inserção das mulheres negras na universidade, representa, sobretudo, a abertura de espaços para debates, novos pensamentos e epistemologias sobre sexismo, racismo e enfrentamento aos seus desdobramentos.

O Grupo Vozes d'África, é uma iniciativa que visa à promoção e fortalecimento da integração acadêmica e cultural entre os países da Cooperação Sul/Sul que estão contemplados no projeto UNILAB, articulando conhecimento científico, circulação e produção de diferentes linguagens artísticas e entrelaçadas, mas com prioridade para a música e literatura como veículos do debate e da reflexão sobre a tensão entre a unidade cultural nacional e a diversidade cultural, especialmente os seus significados identitários, envolvendo todos os países da integração e lusofonia afro-brasileira.

²O Projeto de Extensão Vozes D'África, coordenado pela Profª Artemisa Candé, está inserido no esforço de consolidação e institucionalização do Grupo Vozes d'África, composto inicialmente por cerca de 50 estudantes da Unilab, no Ceará e Bahia, de várias nacionalidades e cursos, com experiência ou interesse em um conjunto de linguagens artísticas e seu potencial educativo. (Portal UNILAB, 2017).

³A RIMA é também chamada de Rede ÔPÉBAMU e foi criada em 31 de julho de 2017, em homenagem ao dia das mulheres africanas. Trata-se de uma iniciativa que visa a dissipar estigmas e estereótipos associados às mulheres africanas e sua diáspora, fortalecendo a rede de convivência e sororidade entre as africanas na Unilab. (Portal UNILAB, 2017)

Para tanto essas atividades, pensadas em rede na academia, são importantes tanto com mulheres negras e não negras, oportunizando compartilhar suas vivências, experiências no ativismo político, ou agregar outras mulheres para iniciar caminhos na militância, onde será possível uma compreensão mais sólida a respeito de quais ferramentas devem ser acionadas, em determinadas situações no combate as estruturas racistas que permeiam as vivências e existências.

Para Ribeiro (2015, p.20 apud Santos, 2017, p.21), “o empoderamento se delinea no comprometimento com a luta pela equidade e significa ter consciência dos problemas que afligem a sociedade e criar mecanismos para combatê-los”. Desta forma, o protagonismo das estudantes Bissau-guineenses são um ato político de contestação e afrontamento as regras e valores ocidentais, nesse transito afro-diásporo, aprendizagens em manipular o cabelo herdado das avós, das tias, das mais velhas.

Conforme Dias (2016, p.38), “A cultura nos remete o nosso próprio eu, e a forma como vemos o mundo. Ela é algo que as pessoas se identificam. A identidade não é uma coisa que fica permanente colada ao sujeito”.

Desta forma, destacamos nesse trânsito de culturas e sociabilidades, o dinamismo que constitui a identidade, seja social, cultural e étnica revelando o olhar das mulheres para mulheres no caso das nossas pesquisadoras que embasaram essa pesquisa.

Como tal Dias (2016), quanto à auto representação e valoração das estudantes africanas das diferentes nacionalidades e grupos étnicos na Unilab, protagonizam a diversidade estética:

Ao considerar as meninas de nacionalidade africanas, de uma forma ou de outra também incentivam o uso do cabelo crespo na UNILAB. Elas fazem seus penteados inspirados em suas etnias e utilizam cabelos africanos coloridos para incrementarem seus cabelos crespos naturais. Os cabelos são trazidos da África, são realmente um símbolo, algo que representa as meninas africanas. Entretanto grande parte das meninas africanas usam diferentes tipos de tranças o tempo todo. Pois faz parte dos costumes. (DIAS, 2016,37)

Nessa diversidade étnica, identitária e estética, o ativismo político vai se configurando, onde as estudantes Bissau-guineenses constroem seus percursos acadêmicos, conquistam seus espaços, têm seu lugar de fala visibilizado, e onde a estética afirmativa contempla as metalinguagens de ser mulher africana/guineenses na Unilab/CE.

Desta forma, como menciona Berth (2017, p.112), “devemos considerar independentemente do nível de consciência racial que o indivíduo negro apresenta a reafirmação da sua estética ancestral africana”. De tal forma, não há como negar a tentativa do

apagamento da diversidade estética, étnica e cultural, bem como os diferentes saberes e articulações coletivas de resistência das populações afro-brasileiras protagonizadas por mulheres, nas estruturas ocidentais e seus marcadores de violência, esse cotidiano é permanente de enfrentamento aos padrões hegemônicos ocidentais.

9. A ESTÉTICA CORPO/CABELO E IDENTIDADE COMO EMPODERAMENTO DAS ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES.

Não pretendemos quantificar as experiências, mensagens estéticas corpo/cabelo e identidades das estudantes Bissau-guineenses, no contexto da UNILAB, nosso interesse se dá, sobretudo no processo como ocorre essa relação no novo ambiente sociocultural, étnico, adaptação, integração, inserção.

Segundo Ribeiro (2015, p.21, apud Santos, 2017, p.20), “a feminista negra, afirma que o empoderamento possui um significado coletivo para o feminismo negro, uma ação que coloca mulheres negras como sujeitos ativos de mudança”. Dessa maneira, as relações afetivas, a autovalorização, o pertencimento, o reconhecimento dos traços da ancestralidade negra, são marcadores agora no presente visibilizado pelas estudantes Bissau-guineenses nesse espaço de poder a academia.

Nesse trânsito, bem como a diversidade de pertencas, diversidade cultural, as acadêmicas estudantes Bissau-guineenses se confrontam com as influências hegemônicas, com as pertencas e olhar do “outro” de ser africana/guineense em Redenção/ Acarape-Ce.

Neste sentido, essa construção é do “olhar do outro”, das sociedades redencionistas e acarapenses: surgem algumas inquietações para compreender: Porque há mudanças diárias nos cabelos? Com cores, formas, diferentes texturas, tamanhos, sejam tranças ou crespos, quais mensagens suas estéticas e técnicas de beleza apresentam? Essa relação buscará compreender nesse contexto diásporico, como se articulam tais questões.

Conforme Adiche (2015), ainda vivenciamos sociedades opressoras:

Ensinamos as meninas a sentir vergonha. “Fecha as pernas, olha o decote.” Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina, elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos. (ADICHE, 2015, p.40)

De acordo com a autora, nas suas discussões e questionamentos, mostra como estamos imersos neste contexto de segregação de homens e mulheres, marcados pela

diferença de gênero, de classe, raça. Desta forma, o senso comum reproduz os estereótipos, e papéis definidos para mulheres e homens como é cultural, faz parte da cultura.

Conforme Santos (2017, p.20), “o empoderamento diz respeito ao enfrentamento da naturalização das relações de poder desiguais entre homens, mulheres e LGBT, é preciso lutar por igualdade e liberdade em relação às escolhas de seus corpos e sexualidade”. De tal forma a estética da mulher Bissau-guineense não é estática, assim como aprendido desde a infância pelas estudantes guineenses, os cabelos também trazem relações de afetividade, de aprendizagens e agora no novo lugar de moradia, são ferramentas de empoderamento como auto representação e valoração de uma estética afirmativa, positivando suas particularidades de serem mulheres guineenses, tendo em vista que são pertencentes a grupos étnicos distintos da Guiné-Bissau.

Cabe lembrar Candé (2008, p.24), “que sob o ponto de vista antropológico, a identidade é uma categoria em construção, pois não existe uma única identidade”. Contudo, entendemos que as várias identidades construídas das estudantes guineenses desde sua infância influenciada pela cultura, religião e, sobretudo a base familiar às quais pertencem, são grupos sociais distintos.

Segundo Clemente (2010, p.06), “na África os penteados sempre foram carregados de grande simbologia”:

Os penteados indicavam: status, estado civil, identidade étnica, região geográfica, religião, classe social, status dentro da própria comunidade e até detalhes sobre a vida pessoal do indivíduo. (CLEMENTE, 2010, p.06)

Assim, destacamos processos subjetivos construídos na alteridade, a partir com o trato com os cabelos, a manipulação dos fios, que conduzem e visibilizam as mais diversas linguagens, mensagens e signos que a estética corpo/cabelo e identidade apresentam nessa conexão África /Guiné-Bissau e Ceará/Brasil.

De acordo com Dias (2016, p.10), “o debate sobre a identidade é importante e contribui para a discussão sobre a questão racial”. Portanto:

A identidade negra e suas representações culturais são relacionadas com o conceito de gênero, que imprime reflexões voltadas, sobretudo, para a condição da mulher negra no Brasil, dando visibilidade ao preconceito de raça assim como o de gênero. Nesse sentido, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça desperta os sentidos para os debates. O movimento feminista negro vai em busca do empoderamento das mulheres negras e por seus direitos na sociedade. (DIAS 2016, p.11).

Concordando com o pensamento de Dias (2016), a identidade não é estática, fixa, ela recebe influência desde o nosso nascimento ao cotidiano da vida adulta, desta forma a identidade é influenciada pelas relações sociais, culturais, raciais, com a diversidade de mensagens e símbolos bem como o cabelo crespo, é um marcador da diferença, no entanto acionado para positivar a estética negra como símbolo político construído na subjetividade.

Segundo Berth (2017, p.15), “está imerso na realidade opressiva impede-lhe uma percepção clara de si mesmo enquanto oprimido”.

Desta forma, o imaginário social está permeado por estereótipos e a falta de conhecimento a respeito da estética africana e seu dinamismo, tal postura invisibiliza a pluralidade étnica, social e cultural desses povos, tendo em vista que o cenário acadêmico na UNILAB está interligados por grupos sociais diversos que desempenham diferentes papéis, seja por ser guineenses, angolanos, moçambicanos, são tomenses, cabo-verdianos, cearenses sertanejos, serranos do Maciço de Baturité ou de outras regiões e estados brasileiros.

10. ESTÉTICA CORPO/CABELO DAS ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES, AS METALINGUAGENS DAS EXPRESSIVIDADES DE UMA IDENTIDADE E CULTURA AFRICANA.

No presente as estudantes se deparam em contextos de diversidade, seja étnica, histórica, cultural, linguística, social, no entanto essa multiplicidade apresenta diálogos e entendimentos diversos e em algumas ocasiões conflituosas.

Segundo (GOMES, 2003), “somos sujeitos corpóreos e usamos o nosso corpo como linguagem, como forma de comunicação”. Dessa forma, nessa interseção territorial Ceará/Guiné-Bissau estamos ligadas pelo trânsito de histórias, culturas, memórias, trajetórias onde há uma pertença étnico-racial significativa, portanto não pode ser dissociada da matriz africana que contribuiu para a formação multifacetada da população brasileira, assim nos processos de socialização das relações históricas, políticas e interações sociais, culturais na construção de diferentes papéis.

Ainda de acordo com Gomes (2003) “o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil”.

Como tal, observamos as mulheres negras brasileiras e as estudantes africanas, estas visibilizam os diferentes estilos estéticos, cabelos black, trançados, vestimentas diversas,

longos, curtos, coloridos ou fazem uso ou não de calças, shorts, visibilizando contestação, que mulheres africanas construíram suas liberdades e fazem uso do que gostam.

Segundo Candé (2008, p.100), “os penteados variam conforme o pertencimento étnico das pessoas”. Assim, entendemos que há uma diversidade de auto representação, auto reconhecimento das estudantes Bissau-guineenses no contexto da UNILAB, hábito construído nos grupos étnicos e que fazem parte desde a infância.

Portanto, as mulheres têm uma liberdade de escolha de penteados, de vestimentas, em outras sociedades e de acordo com sua inserção no grupo social a qual faz parte. Isto reflete na opção ou não de colocar extensões, tendo em vista que a UNILAB, é construída nessa diferença étnica, cultural, identitária e política.

Para Clemente (2017, p.12), “o ato de tocar a cabeça do outro é muito significativo, o cabelo traduzido como signo de identidade cultural, permite e colocam negros e negras no centro de seu processo histórico”.

Desta forma, compreendemos que é nessa diversidade étnica com que as estudantes Bissau-guineenses transitam com suas micro identidades étnicas, tende em vista pertencerem as diferentes etnias, e identidade nacional de ser africana /guineenses no cenário da UNILAB.

Conforme Santos (2017, p.20), “o imaginário sobre os usos de técnicas de matriz africana para cuidado e adorno dos cabelos no Brasil está ligado a uma série de estereótipos”. É preciso compreender as mensagens e linguagens das técnicas de manipulação com os cabelos.

O uso dos turbantes é ligado principalmente a doenças e ao serviço doméstico. Já o uso das tranças é relacionado à falta de higiene e/ou baixa condição social no caso das tranças como opção para mulheres que não teriam condições financeiras de pagar por um alisamento. (SANTOS, 2017, p.20)

Neste caso as diversas percepções quanto o uso da chamada extensão (cabelo comprado sintético ou natural), ou seja, o cabelo aplicado há um dinamismo estético, cores e formas de trançar, ou uso do cabelo mais crespo, o uso do cabelo natural, bem como os tecidos e panos coloridos seja na cabeça ou como indumentária, isso nos leva a perceber que os cabelos carregam vários sentidos.

É nessa perspectiva que serão analisadas as metalinguagens da estética das estudantes Bissau-guineenses, seja com suas tranças, cores, formatos e textura dos cabelos, compreendemos que essa diversidade étnica, representam diferentes saberes, modo de fazer,

aprendizagens herdadas, que no presente no novo lugar de moradia são acionadas como cultura africana, no entanto essas questões se entrelaçam com a religiosidade, pertença, social, cultural e étnica.

Cruz (2017, p.121), “os cabelos, assim, acabam alterando gestos e performances e dando o norte sobre as roupas a colocar, e até a forma de se sentirem”. Compreendemos que há uma escolha e liberdade de não adotar um padrão de beleza da mulher negra, embora o padrão venha das estruturas ocidentais, a mulher negra tem o direito de escolher como quer se apresentar com sua estética afirmativa, em diferentes espaços, seja com os fios longos, curtos, curtos sem aplique, ou seja, como cabelos grossos, coloridos em fim como se sentem a vontade.

De acordo com Adiche (2015, p.51), “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura”.

Desse modo, analisaremos as metalinguagens e seus sentidos, bem como as práticas de manipulação com os cabelos, e valorações numa academia com múltiplas diferenças étnicas e estéticas, na perspectiva de compreender a construção identitária, e como se dá a partir do olhar do “outro” ou de como as mulheres estudantes são lidas, logo, é na subjetividade e no dinamismo de ideias que se constrói essa representação.

Cabe enfatizar que as autoras supracitadas dialogam com as percepções com questões que entrelaçam estéticas /cabelos, no entendimento dos processos de racismo e na desconstrução desses estereótipos. Contudo, a diversidade estética das mulheres Bissau/guineenses como ferramenta positiva no construto da auto representação e valoração dos sabe.

Assim sendo, privilegiamos intelectuais negras africanas/guineenses/nigeriana e intelectuais latinas negras/brasileiras, pelo protagonismo intelectual, pensando em rede no processo do fortalecimento das relações coletividades no enfrentamento as estruturas sexistas, racistas numa sociedade ocidental como o Brasil, que que legítima as estruturas de poder, que historicamente invisibiliza produções das autoras negras.

11. METODOLOGIA

Abordaremos pesquisas com recorte para o feminismo negro brasileiro, pesquisas que tratem sobre a estética negra, ativismo das mulheres negras no Brasil, que contemplassem discussões sobre: identidade racial, estética, empoderamento, relações étnico raciais, enfrentamento ao racismo, militância e ativismo de mulheres com identidades negras brasileiras ou negras africanas para embasamento da nossa pesquisa.

Concordando com Goldenberg (1997, p.17), “a pesquisa científica exige criatividade, disciplina e organização”.

Nossa pesquisa trata-se de uma pesquisa qualitativa, com o método da história oral, privilegiando as vivências e histórias de vida das nossas interlocutoras, logo, as técnicas da pesquisa qualitativa, serão realizadas entrevistas semiestruturadas, observações do cotidiano (que serão relatadas em diários de campo) e entrevistas em profundidade com as mulheres estudantes Bissau-guineenses, como rodas de conversas, formais e informais, privilegiando a história de vida das interlocutoras.

Essas conexões se dão por não seguirmos um roteiro engessado, o questionário base para nossa pesquisa, trará uma flexibilidade no constante diálogo entre a observação participante e as descrições etnográficas.

Assim, priorizamos em potencializar o intercâmbio pesquisador (a) e participantes da pesquisa na observação e participação das atividades socioculturais na Unilab, valorizando a abordagem interdisciplinar, o uso de múltiplos dados e a diversidade teórica e metodológica.

Desse modo, projetamos quatro etapas de trabalho, sendo a primeira um levantamento bibliográfico, a segunda etapa se dará com a construção dos elementos de pesquisa (pesquisa de campo), a terceira, a análise do material coletado, anotações no diário, conversas informais e a quarta a redação do trabalho final.

Neste sentido Silva e Mathias (2018, p.02), “a observação participante é um processo fundamentado, utilizado como ferramenta de pesquisa, e como tal, está condicionada às etapas do rigor acadêmico – científico”. Assim, à relevância observação participante se dá a partir do papel do pesquisador, na organização de imersão no campo de estudo, perfazendo desta forma o seu nível de envolvimento com senso crítico na coleta de dados.

A observação participante, com cunho qualitativo, trata-se de uma abordagem etnográfica para o exercício das seguintes etapas que estão interligadas ao olhar, ouvir, escrever, ler, sobretudo compreender no caso da nossa pesquisa, como as estudantes Bissauguineenses se apresentam com a diversidade de estilos estéticos, bem como o pluralismo linguístico, no interior do estado do Ceará, numa Universidade de Integração com países falantes de língua portuguesa.

Logo, a técnica da entrevista semi-estruturada, como aponta Minayo (1994. P.15), está interessada em um tema sobre o qual acrescentadas de outras perguntas, anteriormente não previstas, neste caso esse trabalho, através de entrevistas, serão colocadas questões sobre a nacionalidade, etnia, línguas maternas, o local de nascimento, o curso, área de conhecimento, os desafios e as perspectivas profissionais.

Assim, quais as mudanças pessoais, intelectuais após o ingresso nas atividades acadêmicas, culturais, científicas, e, sobretudo é importante compreender, as relações que se estabelecem entre estética afirmativa como corpo/cabelo, identidade racial, empoderamento como ativismo político na academia.

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. Ngozi. **Sejam todos feministas** / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Christina Baum. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escomburo**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau Rio de Janeiro: Garland, 2007.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte-MG: Letramento; Justificando, 2018. Feminismos Plurais.

CANDÉ MONTEIRO, A. O. **Processo de Construção da Identidade Negra em Teresina**: Caso do Grupo Afro-Cultural Coisa de Nego: 2008. Dissertação de Mestrado em estudos étnicos e africanos, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CARNEIRO. Sueli. **Mulheres em movimento**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf> Acesso: 9 de mar 2019.

CARNEIRO. Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/G%C3%AAnero-ra%C3%A7a-e-ascen%C3%A7%C3%A3o-social.pdf> Acessado :9 de mar 2019

CLEMENTE. Aline Ferraz. **Trança Afro – A Cultura do Cabelo Subalterno**. Disponível em: <http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/247-754-1-SM.pdf> Acesso 13 de mar de 2019.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Que leveza busca Vanda? Ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique** / Denise Ferreira da Costa Cruz; orientadora Antonádia Monteiro Borges. -- Brasília, 2017. 198 p. Tese (Doutorado em Antropologia) -- Universidade de Brasília, 2017.

DIAS, Honorata. **“Da raiz até a ponta”**: enegrecendo a identidade através do uso do cabelo crespo. /Honorata Dias. – Redenção, 2016.41 f.: il.; 30 cm. Monografia do Curso de Especialização em Política de Igualdade Racial da Diretoria de Educação a Distância da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

GOLDENBERG, M. A. **Arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, Nilma. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. São Paulo: Educação e Pesquisa, São Paulo, P. 167-182, Jan./jun. 2003, v. 29, n. 1, 2003. janeiro/junho. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

GOMES. NILMA. **Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação**. Salvador: Salvador Ba: Ucsal, v. 17, n. 3, 8 outubro. 2014. Outubro. Disponível em: <<http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2017/18.%20SILVA.pdf>>. Acesso em: 14 mar.2019.

GOMES. NILMA. **O Cabelo como símbolos da Identidade negra**. Disponível em:<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>. Acessado em 05 de setembro 2018.

GOMES. NILMA. **Educação e Identidade Negra**. 2002. vol. 09. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/rt/findingReferences/1296/1392>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

IMPANTA, I. A.; SUBUHANA, C. **Gênero e Migração: Cruzando histórias e trajetórias das estudantes guineenses na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Ceará, Brasil**. Trabalho preparado para apresentação no III Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades, Brasília, 11 a 13 de maio de 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA E CENSOS DA GUINÉ-BISSAU. **Censo Demográfico-2009**. Bissau, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 3ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Editora HUCITEC-ABRASCO, 1994.

Portal de notícias da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira. Disponível
Fonte: Diretoria de Registro e Controle Acadêmico – DRCA (dados de fevereiro/2019)www.ubilab.edu.br. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

Portal de notícias da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira. Disponível:
<http://www.unilab.edu.br/noticias/2017/12/15/lancamento-da-rede-internacional-de-mulheres-africanas-acontece-hoje-15/> Acesso em 13 de março de 2019.

Portal de notícias da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira. Disponível em:
<http://www.unilab.edu.br/noticias/2017/05/12/projeto-de-extensao-que-engloba-diversas-linguagens-artisticas-de-origem-africana-sera-lancado-na-proxima-terca-feira-16/> Acesso 13 de mar de 2019.

RIBEIRO, R. M. F.; TEIXEIRA, D. RICARDINHO. **Trajetórias e Permanências dos estudantes guineenses na “Terra da Luz”, Fortaleza - Ceará**. In: BasÍlele Malomalo, Elcimar Simão Martins, Jacqueline Cunha da Serra Freire. (Org.). *Trajetórias e Permanências dos estudantes guineenses na Terra da Luz, Fortaleza - Ceará*. 4ª Ed. Porto Alegre: Editora FI, 2017, v. 3, p. 293-303.

SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos. **Tranças, turbantes e empoderamento de mulheres negras: artefatos de moda como tecnologias de gênero e raça no evento Afro Chic (Curitiba-PR)** / Ana Paula Medeiros Teixeira dos Santos. -- 2017. 146 p.: il.; 30 cm.

SILVA, P.R.S.; MATHIAS, M.S. **A etnografia e observação participante na pesquisa qualitativa**. *Ensaios Pedagógicos (Sorocaba)*, vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.54-61. Disponível em: <file:///c:/users/suporte/downloads/65-227-1-pb.pdf>. Acesso em 28 de março de 2019.

13. Anexo: Questionário

ESTÉTICA, CORPO/CABELO E IDENTIDADE: NO CASO DAS ESTUDANTES BISSAU-GUINEENSES NO CONTEXTO DA UNILAB-CE.

Renata Maria Franco Ribeiro (Discente)
Prof. Dr. Segone Ndangalila Cossa (Orientador)

Dados básicos:

1. Nome
2. Idade
3. Região de origem
4. Setor de origem
5. Origem étnica e linguística
6. Escolaridade
7. Religião:
8. Estado civil
9. Quais motivações para estudar na UNILAB.
10. Com quem você aprendeu a manipular (trançar os cabelos na Guiné-Bissau?
11. Quais as percepções quanto a integração na UNILAB?
12. O que é ser mulher africana /guineense na UNILAB?
13. Quais mensagens provocam a estética guineense na UNILAB?
14. Quais projetos de extensão ou grupos de estudo você participa?
15. O que significa o dinamismo de alterar os cabelos?

